



COPIA



Em Lagrimas não posso dizer à V. Magestade que minha viagem foi muito feliz, cumprindo, nos diferentes destinos, tudo de que vinha encarregado, menos a minha chegada ao Porto, de donde a calumnia me extraviou. Talvez, para que houvesse o que succedeo: o seu estado remeto à V. Mag. copia, N.º 1, a minha fala, como se eu estivesse aos Reaes Pés de V. Magestade, verá V. Mag. os meus reais sentimentos.

Não posso, Real Senhor, neste momento, apunhar moscas com cinagre, quando seja preciso empunhar a espada, então falarei de outro maneira: se D.ª ouvir os meus lagos, e agente do Porto a minha fala, espero não ver correr sangue, que tanto legou a terra com a maior gloria, em despeza do melhor dos Soberanos, pois de todos o he V. Mag. Real não he agora a minha magua, em lembrar à V. Mag. que, se tivesse vindo alguma das Reaes Nettoas da Familia Real, ao seu Reino, tudo, em hum momento, estava atterrenado! quaes não devem ser os Lembrancos d'aquelles que desviaram de V. Mag. a sua tão desejada, e necessaria Coroa, que he ainda hoje, deve ser ja, ou então as Reaes que V. Mag. sabe, e que ja fielmente de chorei, e de que se tinha tratado...

Senhor! perdoeme V. Mag.ª que neste momento sou digno de ser deo, pois não sou Senhor de mim! mas, affianço à V. Mag.ª que, sem V. Mag.ª aqui, ou a sua Real Familia nada dou pelo resultado: a minha chegada, à esta Capital, foi hum bem do Leo, e as minhas falas são dictadas pelo auxilio de D.ª que illumina aquelles que o temem, e ama, e fala a Verdade: aqui está o seu fiel Maym.ª

Lembro à V. Mag. jurado, aos seus Reaes Pés, não só
como seu fiel, e agradecido compadre, e Cavallo, mas,
como, tambem fiel à D.ª, o que V. Mag. dice, quando
estive abraçando os seus Reaes Pés, e quando tem Calão
El. prometti que havia de hir, e nao fui, ninguém
tem Cavallos mais fieis do que El., e eu, que sou
velles fieis Cavallos, pelo Salmo 138. vers. 17. digo, e
creio que o Senhor nao abandona os que lhe são fieis,
e nao pode ser fiel à D.ª quem nao he fiel ao seu
Rey, e por isso, todo aquelle que, nestas circumstancias,
dizer à V. Mag. que nao convem que a Magestade
V.ª, nem he fiel à D.ª nem à V. Mag.ª, ainda
deputo, meu Rey, e meu Senhor, V. Magestade
nunca foi tao generoso como agora. Se a sua vida
para a Magestade, descomentou os planos de Na-
poleão, a V.ª, de V. Mag.ª, desmanchará agora
os planos dos napoleões. por ora nada digo mais
senao que beijo os seus Reaes Pés com o meu corpo
e a minha alma, pois sou humildemente

De V.ª Real Magestade

Seu humilde

Raymundo Jose Dinheiro

Portuenses! desembarquei, hontem, n'Esta, do Saquette Inglez, e venho encumbido de huma deligencia, de que S. Magestade me encarregou, tendente ao bem Commum!

Inutil he falar vos em dos meus Sentimentos, que Vos conheceis, ou dos meus meios, pois nem Commando os meus Soldados, nem a minha Fortalleza!

Deixai-me dar algum alivio a minha alma! Deixai correr de meus olhos estas lagrimas, que suffocao a minha voz, pois estou dictando o que vos observo!.. Ah! em que estado acho eu a minha Patria! o laros, e amaveis Portuenses!... eu nao posso deixar, contudo, de respeitae as vossas disposicoes, bem que ellas estejam envoltidas em hum equivoco, bem perdoavel, nao obstante a quem produz acontecimentos de semelhante natureza!

Sim, amados Portuenses! quaes felhos ternos, e amantes, que observao, gemente, e deixamparada a sua cara moça, vendo vossos vizenhos, a Espanha, e a seu exemplo, Napoleo, e a Sardinha, por hum nobre esforço, que circumstancias inauditas a brigaram a expor-se para salvar o vossu Patria, Vos Compestes no execto, tanto mais nobre quanto Nacional, para salvar a vossa Patria, e nao tivestes em vista mais do que elle Sagrado dever, he verdade, pois tenho a honra de conhecer as vossas Sentimentos! Porim vos es queistes, segundo o sentimento e da Religiao, e do livismo, de dar hum passo, que seria prudente? Perdoai, o amantes Portuenses, perdoai a hum Caballo que nao he mais amigo da honra, nem mais fiel do que Vos, que nao he mais amigo da honra do nome de Portuguez do que Vos, e do bem Commum, do que Vos, mas felicemente, hoje, tendo huma Cartagem que Vos nao tendes, he a de estar de sangue frio!

Perdoai-me, pois, pelo amor de tudo — foi onao fazerdes a vossa Summittao ao Governo, convidando-o, Respeitosamente a que se seas disfarçatte a vossa premissa convocacem, pelas seus costumes, as Cortes, dispondo Vos as das suas Primarias, e por Ella proclamatte a Patria emperigo, e, em consequencia, a Convocacem das Cortes, ao grito da Nacao, para se amittorar sobre os males de que

ja em extremo, a Nação estava ameaçada, e que a Cotta iner-
gia fixelle a Curgin e lles meios que toda huma Nação podero
za como a Notta, conserva em seu seio, para coadjuvar
hum projecto qual o Cotto, pois o amor do Soberano, reina
em Cottas peitos; mas, numa, a Cós cumpria falar em
constituição!

No Congregatto das Cortes se estatuará
(ouvidas as Casas dos Deputados, e cada Senado da Camera) em que
Cortes se devere mudar a misera Sena, na qual os Portugueses
representavao ser Nação!

O Cotto patto está dado, e elle
Equivooco, tão perdoavel, a quem emprehende semelhantes urgen-
tezaconsequimentos, ainda tem remedio para se reparar,
mas, ah! Ah! que elle pode arrastar, em sua irreparação,
a guerra civil!...

Pensai, Sabios, e moderados
Portugueses! evitai esse flagello, o maior, e o mais vergo-
nhoso a huma Nação que tem que perder, e que teme
o Deus Omnipotente! Eu vejo cada Portuguez, em
pouco tempo, poder ser hum capitalista, entrando tudo
na Ordem!

Abracai, pois os Cottos comoradas
d'armas do sul, e que hum só Exerccio seja quem sustente
a Soberania do miltor das Monarcas, o Cotto amado Rey, em
quanto as Cortes não deliberarem, mas que sejam elles quem
apronte as medidas que se devem levar ao Soberano, e
que, do seu Trono lhe ponha o seu Praxelle, e até que as
Deliberações das Cortes sejam dadas, qualques que seja o seu
Resultado; Lembraivos, amantes Portugueses, Lembraivos que, com
com Cós, nos immortalizamos desde o dia 7 de Junho, 1808,
até o dia 19!

Portugueses! não duvido que desejais
tornar aver o Pay da Patria, elle, que he o mais generoso de
todas as Soberanas! Cós hidas vale, e toda a sua Realza, em
emprego tempo, amoldai vos ao parecer de hum homem, que,
até vos pode affiançar, pelo que ha de mais sagrado que
para illo me destacaou Elle amado Rey, e hir junto de Cós
dizer vos! Viva o Rey! Viva a Notta Santa Religiao!
Viva o Governo!

Mayomundo Joze Limbriro

Portuenses! pela minha participação, da minha chegada, vos falei de Ser encarregado por S. Mag.^e de huma diligencia particular, tendestes as bem e o bem!

Se não conhectes os Vossos Sentimentos e quaes devem ser as suas consequencias, tendo Vós, sobretudo, à Vossa testa Vossas tanto moderadas quanto Sabias, e Respeitaveis, se fôrte contra invasores, se fôrte contra hum Poder estrangeiro, se fôrte em fim para oprimir qualquer que Vós houvetes levado em malha, e de todas as Vossas Vossas fazeis huma só Voz, não pensai que couxa alguma me contivette para voar ao Vosso seio, e unir huma Voz de mais, fiel, leal, e christã, à Vossa Voz! Dignos chefes, que compoendes hum governo que, na Vossa circunferencia, urgentemente está delectes em quanto a segurança publica, e a Herança do soberano não estava sustida para conter estes espiritos inquietos, e desgarrados que, em taes urgencias, os inimigos da Ordem induzem à degraçação may de todas os crimes! Seria offender a minha evanca na Vossa probidade se me esquectes hum só momento qual seja a palpitacao de Vossas lorações, e direi mais, porque tenho a honra de vos conhecer, e que não duvido, pela mesma razão, talvez, - perdo a mim! ah! que até he inutil dizer vo lo, qual he a magua que me suffoca a voz, para seguirdes pelas lorações ja mudadas, até mesmo na Vossa mente, para vos coroades da tyronia que vos espere! Dignos chefes! porque não estou eu nos Vossos braços! porque não humedecem Vossos peitos estas lagrimas... que estas segundo hum appoento, no qual me parece estar sentendo appretar-me por Vossos braços, e ouvir a Vossa voz de ser-me - que queres tu que nós fazamos? o que eu quero? pois Vós não testes a minha fala de J. do Lorrente! pois Vós não testes em meu coracao desde o defunho de S. B. até o dia 19, o que agora pode ser o meu sentimento! o que eu quero! Nada mais do que que vos lembreis do que he impossivel que vos esquectes, ou não fazeis dos Vossos corações, e de cada loração Portugetta hum só coracao! o que eu quero he o que vos peço em nome da Patria, e só em seu nome, aqual vos grita de reflectirdes, e vos decidirdes sobre o que hevi ao Vosso seio na minha fala de J. do Lorrente! eu deixo de parte as munitas, e sa gradas e obrigações que devo ao meu Rey, e Rey Vosso, Elle Magno nino Monarca me perdoará se vos digo que os Monarcas, da mesma forma que os mais honeros e combatentes são outras felizes Agentes d'Aquella que, depois leva os humildes, e n'elle precipita os que contra a Sua Divina vontade

seguirem Deus! Não, amados Portuguezes, não são as Armas
pelleas que devo ao milhor dos Soberanos que, n'este momento,
me arrebeta em meu enthusiasmo para vos dizer que a Patria
e o Rey da Patria, como Vós deveis pensar, tem os olhos sobre Vós
e vultar que Ella vos fale pelo curso do Salmo 93, como o Rey
Profeta, e vos compare à elle povo! o Deus de Jacob nos ve, á Vós
e á nós, e só quer o que Vós só deveis querer, e Vós não quereis
Deus o que he legal, o suavez, a Paz, a honra do Reino, e o bem
Commum da Patria! Viva o Religiao! Viva o Soberano!
Viva o Governo! Raymundo do Rozo Dinheiro



Soldados. Numas se vontade nos unad. Caminhemos a Sal-
vação da Patria. Não ha males que Portugal não sofra; não ha so-
fimento q' nos Portuguezes não utijá ajuza do. Os Portuguezes sem se-
guranca em suas proprias puros as, e bom, podem orofeo aux illo. elles que-
rem ali' boudade regrada pela Ley; nos mesmos victimas dos males com men-
tendes perdidos a consideração q' os vov' brios. usuaes virtudes muerção. he re-
cuarão a reforma, mas esta reforma deve guiar se pela razão, e pela justiça,
e não pela licença. - Criemos hum governo Provisório em quem confiamos,
e elle chama as Cortes, que sejam o Orgão da Nação, e ellas por serem hu-
ma Constituição que a seguir os nosos Direitos. O Pray Senhor D.
João 6.º como bom, como benigno, e como amante de hum Povo q' ovidutaria
hade abençoar as nosas fadigas. Viva orofeo bom Pray; Viva as Cor-
tes, e p' ellas a Constituição. Parto em Conselho Militar aos 24 de
Agosto de 1808

Soldados. orofimento, a Patria em Ferro, a nossa considera-
ção perdida, novos sacrificios soldados, hum soldado Portuguez proxi-
mo amedigar huma similar. Soldados como morto de este. Vamos a
salvação da Patria, e o amor a nossa salvação propria. Camaradas
vinde com miigo namor com orofeoas timacra de Armas Organizar hum
Conselho Provisorial que chama as Cortes, ajuza em a Constituição, e a

cujá falta he a origem de todo o mal: he necessario devesse se
que cada hum dosz esente. He en nome, e conservado o mesmo Sugeto de
terano o Senhor D. João 6.º que ha de governar-se: Nossa Santa Reli-
gião sera guardada, assim como nos for ex forcos. Os Soldados que com
fioem sobre o Exercito Portuguez, não deveser a obediencia ao feu, por he
igualm a sua Pátria. Soldados, a fôrça he no feu, nos devesmos não
consentir. Se cada hum de nos deve a Patria a Sabedoria, deve aca-
da hum de nos a Saçáo a sua Segurança, e tranquillidade. Tende
confiança em hum Cheffe que nunca se devese enervar, senão o ca-
minho da honra. Soldados, não devesis medir a grandeza da Cau-
ra pela singularidade de mais discursos. Os Homens sabios tem de
dever o seu hum dia, este feito maior que mil Victorias, Santifi-
quemos a este dia, e seja d'este hoje o grito do novo Coração Nova
N.º Rey. Nova N.º Rey o Senhor D. João 6.º. Nova as Cortes, e o
Nos a Constituição Nacional. Nova o Exercito Portuguez.

Forma do Juramento.

Juro aos Santos Evangelhos obediencia a Junta Provisional
do Governo Supremo do Reino, que se acaba de instituir, e juro
me de N.º Rey nosso Senhor D. João 6.º ha de Governar em N.º

Constituição das Cortes. - Jura e Jurisdição de todas as Cortes, e a Cons-
tituição que foyrem mantida a nossa Religião Catholica, Roma-
na, e a Dinastia da Sereníssima Casa de Bragança.

Junta Provisional.

Presidente. — Antonio da Silveira Pinto.

Vice Presidente — Cabreira. —

Vogais pelo Clero — Dião. —

Magistrado — Manoel Fz Thomaz

Nobres — Cirne, e Pedro Leite

Universidade — Sr. Francisco de S. Luiz

Comercio — Francisco Joz de Barros Lima

Militar. — Joz de Albuquerque Netto-Maior

de. — Joz Maria Xavier de Araujo

Trabalho e Artes — Joz Joaquim de Moura

de. — Joz Manoel Fz e Castro

Beira — Joz de Mello Castro e Albuquerque

de. — Joz de Brito Albuquerque Castro Branco.

Copia da Carta do Sr. D. ...



